

De catador para CATADOR!

A história que fazemos todos os dias

Ao contrário do que nos tenta “ensinar” a televisão, o individualismo e o sistema, a história de um povo é o próprio povo quem a faz. Nos momentos que nos juntamos apontando um objetivo onde a maioria dos trabalhadores e oprimidos se sintam participante, aí estamos escrevendo e fazendo a história, a nossa história - protagonizando os nossos destinos. Todos os dias nós a fazemos e todos os dias nossa história e vida são roubadas pelo capitalismo assassino e seus senhores; cotidianamente tentamos contribuir para que o povo exproprie o destino que tiraram da gente.

No texto acima, sem grandes pretensões, pusemos mais que nada alguns sentimentos dos povos brasileiros - e é desta diversidade que podemos traçar um projeto de Gestão do Poder Popular. Como povo, sempre lutamos desde o primeiro minuto de nossa existência. E sempre lutaremos. Não adianta as elites tentarem nos fazer acreditar que somos “naturalmente vagabundos, palhaços, raça de vira-latas, falsos malandros (otários), pacíficos e conformados”. Somos aquilo que fazemos de nós mesmos e NOSSA HISTÓRIA comprova 500 anos de luta, vida, dor e esperança! Nesta mesma trajetória seguimos ontem, hoje e sempre.

Realçamos, é certo, partes mais marcantes da história dos oprimidos do Brasil. Também é certo que muita coisa ficou de fora. Talvez o mais profundo não tenha entrado, o cotidiano. Não o pusemos porque nós (como povo) não somos burros e sabemos muito bem

as condições de vida (ou será de sobrevivência?!) que temos. Também não incluímos diversos tipos de lutas no pedaço de Brasil que antes estava além do sertão, onde nem a historiografia oficial nem a popular chegaram, passagens certamente tão fortes como desconhecidas.

Não estão nem o cotidiano nem as partes “desconhecidas” (apenas dos livros e arquivos dos opressores) somente por tentarmos adequar tempo e espaço o. Não entrou o “mais importante” simplesmente porque isso não existe (ao menos para nós). - pois todo e qualquer trabalho para contribuir na libertação de nossa gente é igualmente importante -, na história popular, tanto o cotidiano como o povo em luta são diferentes partes de um mesmo conjunto.

Uma questão prática, toda a nossa história não caberia em trabalho algum. E sabemos bem que qualquer livro, enciclopédia, arquivo, biblioteca, programa de computador, música ou canto são menores do que a vida de qualquer pessoa!

A história a fazemos todos os dias, onde quer que esteja nosso povo e cotidiano, há povo em luta. E seja onde for a luta do povo brasileiro, fazemos o possível (e por vezes tentamos também o impossível) para ajudar a construir Nossa História, num mutirão “pela libertação popular que é obra do povo em luta auto-organizado!”



Ação direta popular dos catadores de materiais recicláveis

Editorial

Nessa edição do jornal De Catador para catador reuniremos alguns materiais que fazem parte dos módulos de formação nacional do MNCR.

O objetivo desses módulos de formação eram permitir ao conjunto das lideranças do Movimento Nacional dos Catadores o reconhecimento da trajetória de vida de cada sujeito, integrando-a a história de luta da classe trabalhadora no Brasil, além de permitir uma compreensão ampliada do ciclo de trabalho, visando um aprofundamento em torno dos processos que envolvem a cadeia produtiva na qual se inserem os catadores.

Com cantos de luta, textos complementares e gráficos ilustrativos pretendemos ampliar nossos materiais para formação e difundir ainda mais nossa luta.



Cantos da luta do MNCR

XOTE DA MARCHA DO POVO

Quem sabe andar
Nessa rua vai em frente
Pois atrás é que vem gente
Diz o dito popular

E quem caminha
Na linha da esperança
Arrasta o pé
Balança a trança
Na dança de se chegar

A quem diga olé olé
Olé Olá
Catador de norte a sul
E de acolá
Nesta marcha sem parar
Caminhar é resistir
E se unir é um reciclar

Ninguém segura
Essa gente que trabalha
Que grita e fala
Querendo anunciar
Que é possível a luz de novo dia
Em que a nossa alegria
Possa se concretizar

Povo da rua
Não é do mundo da lua
É a vontade nua e crua
É o desejo de um lar
Que assegure vida e dignidade
Rumo de prosperidade
E o direito de sonhar



AXÉ

Irá chegar um novo dia, um novo céu, uma
Nova terra, um novo mar.
E neste dia os oprimidos numa só voz a
liberdade irão cantar

Na nova terra o negro não vai ter corrente,
O nosso índio vai ser visto como gente
Na nova terra o negro, o índio e o mulato,
O branco e todos vão comer no mesmo
prato.

OS MENINOS EM VOTA DA FOGUEIRA

Os meninos em volta da fogueira
Vão aprender coisas de sonho e de verdade
Vão perceber como se ganha uma bandeira
E vão saber o que custou a liberdade.
Palavras são palavras, não são trovas,
Palavras desse tempo sempre novo
Lá os meninos aprenderam coisas novas...
E até já dizem que as estrelas são do povo
(bis)

Já que os homens permanecem lá no alto
Com suas contas engraçadas de somar
Não se aproximam das favelas nem dos
campos
E têm medo de tudo o que é popular. (bis)

Mas os meninos desse continente novo
Hão de saber fazer história e ensinar (bis).

CANTO DE RESISTENCIA POPULAR

A história são os pobres que a fazem
A vitória esta na mão de quem peleia,
Nossa gente tão cansada de sofrer
Vamos juntos descobrir o que fazer,

Se o governo e os patrões só nos oprimem
Acumulando riqueza e poder
Ação direta é a arma que nós temos
Pra fazer justiça pra viver (2x)

Povo na rua pra resistir e pra lutar
Povo que avança para o poder popular

PASSANDO A RASTEIRA NOS ÔME

Tamo cansado dessa vida de amargura
Ferro-velho e prefeitura querendo nos dominar
Levando fardo de cem quilo nas paleta
E o doutor com as suas canetas com
mais leis pra nos ferrar

O catador sabe que tem um movimento
Que prepara o enfrentamento para o
poder popular
Auto-gestão da cadeia produtiva
Ação direta todo dia pro socialismo
alcançar

Vem catador
Pro movimento organizado
Pois unidos ficamos fortes
E não seremos mais explorados
Vem catador recuperar a dignidade
Lutando pra construir
o socialismo com liberdade!

Sou catador e sempre vivo num sufoco
Quando chove como pouco
E no verão só passo mal
Mas eu me ligo prefeitura e ferro-velho
Nos querem ver num cemitério
Ou numa cama de hospital

Separo tudo que encontro na minha mesa
Eu reciclo a natureza sem patrão pra nos mandar
Organizado eu tempero a rebeldia
E quando eu vejo a burguesia
sei que é hora de lutar



De Catador para Catador é um veículo do MNCR
- Movimento Nacional dos Catadores de Materiais
Recicláveis, uma produção do setor de comunicação do
MNCR e do conselho editorial formado por catadores
das cinco regiões do país.



www.movimentodoscataadores.org.br



Mercado de Trabalho e Catadores de Materiais Recicláveis

Para começar a conversa, vamos clarear o conceito de mercado de trabalho?

Quando usamos os termos mercado de trabalho estamos nos referindo a um tipo de relação que se estabelece entre a oferta de trabalho e a procura de trabalhadores em época e lugar determinados. Assim, quando o homem ou a mulher fica desempregado normalmente sai à procura de emprego no mercado de trabalho e este, por sua vez pode ou não oferecer trabalho.

Mercado de trabalho também se refere a um conjunto de pessoas e ou empresas que em época e lugar determinados, provocam o surgimento e as condições da relação estabelecida entre a oferta de trabalho e a procura de trabalhadores. Dessa maneira, podemos entender as diferentes situações que produzem desemprego e desempregados e, logicamente a dificuldade de receber oferta de trabalho no mercado.

Nas discussões anteriores fizemos uma releitura de diferentes fases da história do nosso Brasil e percebemos que em todos os momentos desde a invasão dos portugueses em nossa terra, os trabalhadores enfrentaram muitos desafios, muitos problemas, mas também não deixaram por menos. Souberam se organizar de diferentes maneiras para lutar e resistir aos inúmeros processos de dominação e exploração tendo em vista a conquista de direitos de cidadania.

E agora, como estamos construindo nossa história? Vamos olhar para a época que estamos vivenciando no Brasil e, mais

próximos de nós, em nossas cidades.

O que lemos nos jornais, vemos na televisão, escutamos nos rádios, ouvimos de nossos vizinhos, de nossos companheiros de trabalho nas ruas e nos lixões?

DESEMPREGO! Filas quilométricas de pessoas lutando por uma vaga no mercado formal de trabalho.

Nesta circunstância instala-se uma situação de conflito. Um conflito que é vivenciado tanto na perspectiva individual, ou privada - podemos pensar nos problemas que as pessoas desempregadas enfrentam na relação consigo mesmas como: baixa auto-estima, auto-depreciação pois acham que não têm valor nenhum e, quase sempre sentem-se envergonhadas dentro de sua própria casa porque não têm condições de contribuir financeiramente com a renda familiar e, muitas vezes não têm nem o que comer.

Num contexto mais amplo o desemprego é um problema social de alta gravidade.

Aqui podemos perceber que a relação entre a oferta de trabalho e a procura de trabalhadores, ou a grande quantidade de mão-de-obra também chamada exército de reserva é, evidentemente, uma relação de conflito.

Se quisermos, no entanto aprofundar a discussão sobre a questão do trabalho, precisaremos discutir vários pontos que definem e condicionam o trabalho na sociedade moderna. Para isso, precisaríamos discutir qual é o formato e o padrão de desenvolvimento econômico e social que

estão sendo conformados nesta época em que estamos inaugurando um novo século, o século vinte e um (XXI).

“Hoje vivemos uma fase de profundas transformações. Alguns a denominam de Terceira revolução Industrial e Tecnológica, com profundas transformações do ponto de vista econômico, social, político e, sobretudo, das tecnologias. Isso dificulta seriamente uma análise concreta sobre o que está ocorrendo do ponto de vista da sociedade e do trabalho. Há sinais tanto no que diz respeito a inovações positivas com relação ao trabalho, como sinais também de regressão social. É difícil nesse momento saber qual é a tendência que vai predominar”(POCHMAN, 1997:13).

O fenômeno do desemprego é inerente à economia de mercado capitalista. Com o desemprego o trabalho precário e o uso abusivo da força de trabalho, a exploração do homem e da mulher são práticas evidentes que acontecem todos os dias.

Para entender isso é preciso pensar o seguinte: parte enorme da população em nosso país sobrevive sem oportunidade, em permanente estado de perdas sucessivas de direitos; “é uma perda atrás da outra”. Sobrevive sem moradia digna, sem trabalho, sem comida, sem escola, sem saúde, sem lazer, sem segurança... sem pertencimento à cidade, sem reconhecimento enquanto sujeito de cidadania.

Portanto, vivenciando a trágica experiência da não-cidadania, da exclusão social. Uma experiência de longa duração!

As pessoas que vivenciam essa experiência são vistas pelas instâncias de poder e por grande parte da sociedade civil como transgressoras das leis que regem nossas cidades, porque sem lugar para morar ocupam espaços públicos, prédios abandonados, construções inacabadas, praças, viadutos, entre outros; porque sem emprego enfrentam precárias condições de trabalho, nas ruas, nos lixões e, até se submetem a formas próprias de trabalho escravo em carvoarias, em grandes fazendas. São exploradas por atravessadores, aparistas, industriais, latifundiários - ricos fazendeiros. Noutras palavras, os empobrecidos trabalhadores se submetem às mais variadas formas de dominação pelos donos do dinheiro, do capital, os chamados CAPITALISTAS.

Mas, diante dos problemas sociais e, sobretudo diante do fenômeno do desemprego a sociedade reage e impõe um novo estágio de integração social. Para entendermos melhor a capacidade de reagir que a sociedade tem, precisamos olhar nossas experiências enquanto catadores de materiais recicláveis e reconhecermos nossa potencialidade, nossa capacidade criativa de enfrentar os problemas que a economia de mercado capitalista impõe sobre nossos ombros. Além do que já fazemos, enquanto categoria trabalhadora que aumenta a cada dia nas cidades brasileiras, como vamos resistir ainda mais a esses processos de dominação?





Ciclo da cadeia produtiva de reciclagem

